



## Do sentido do aprender

*Claudio Domingos FERNANDES*

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos.<sup>1</sup>

O ato de existir entre outros, de co-existir, é uma condição humana. Mesmo no mais remoto isolamento, mesmo este sendo voluntário, não podemos não co-existir, estar entre outros. Já o nascer é um ser amparado por outros. E este nascer só perdura e torna-se existência se acompanhado por outros por um longo período. Sem a presença de outros perecemos.

Outra condição humana é a de diferenciar, distinguir, qualificar, valorar, ajuizar, separar, escolher. Estas ações são intrínsecas ao humano. Elas tanto aproximam, quanto distanciam as pessoas. Elas são as fontes dos conflitos e dos laços que constituem a experiência humana do co-existir. Por elas nascem os preconceitos, os estigmas, os estereótipos, dos quais não escapamos. Vivemos diferenciando, distinguindo, qualificando, valorando, ajuizando o mundo, as pessoas, as relações em que nos vemos envolvidos. Todo juízo que tecemos do mundo, revela-nos um juízo sobre as pessoas e sobre nós mesmos. Se as ações de diferenciar, distinguir,

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 2016, p. 142.

qualificar, valorar, ajuizar produzem preconceitos, estigmas, estereótipos, desentendimentos e conflitos, elas produzem também identificação, empatia, solidariedade, companheirismo.

É da condição humana, ainda, o desejo, a vontade, a paixão. A capacidade de compartilhar desejos, vontades, paixões, ideias conduz-nos do existir entre ao existir com e existir para outros. A existência com e para outros constitui uma rede de interesses comuns que fundam valores. “Todo ato humano está fundamentado em determinados valores, em determinados interesses.”<sup>2</sup>

Permeando estas condições humanas, as desenvolvendo, esta o ato de aprender. Existir impõe-nos aprender. Aprender é, antes de tudo, uma necessidade vital co-existencial. Se não aprendemos a viver e a existir entre e com outros, perecemos, ou vivemos precariamente. O existir entre e com outros nos impõem aprender os valores comuns, os interesses comuns da coletividade. Aprender é um ato social. Sós, nada aprendemos. Toda aprendizagem tem por ponto de partida as interações que constituem nosso universo experiencial e existencial, permeado de crenças, saberes, valores. O humano, no entanto, não apenas aprende, ele produz conhecimento: a compreensão do que aprende, e ensina. Não é o que aprende que o ser humano ensina. O ensino compartilha a compreensão do que se aprendeu. É a compreensão do aprendizado que permite ao humano intervir no mundo e produzir um mundo diverso a cada nova compreensão do que aprende. As técnicas e as tecnologias são frutos do conhecimento, não da aprendizagem. Para aprender basta observar e imitar, requer memorização. Conhecer além da memória, requer imaginação, reflexão. No aprender há um saber fazer por repetição e memorização. Sem memória não aprendemos, mas apenas com ela, apenas aprendemos. Sem fantasia, sem imaginação, não produzimos conhecimento. É o conhecimento que qualifica nossa existência e concilia-nos uns com os outros. A sociabilidade não nasce do aprendizado, o aprendizado permite-nos estar entre, o que nos possibilitar ser com outros e para outros é o conhecimento. Pela imaginação, as atividades de diferenciar, distinguir, separar, fornecem à reflexão a possibilidade de estabelecer hipóteses e testar novas possibilidades. A imaginação quebra o ciclo da repetição e da

---

<sup>2</sup> GALLO, Silvio. **Ética e Cidadania, caminhos da Filosofia**. São Paulo: Papyrus. 2010, p. 28.

memorização mecânica. Ela alimenta a inventividade, a capacidade de colocar em relação elementos totalmente distintos, criando analogias inimagináveis e imprevistas. Tais analogias permitem uma visão estranhada do mundo, capaz de olhar o mundo como se o estivesse vendo pela primeira vez. “É ela que está na fonte das utopias, das fantasias que esteiam os programas, as teorias, as vontades de fazer e de agir. Dela surgem a ação e a prática social.”<sup>3</sup> (ENRIQUEZ, 253).

Aprender permite-nos viver e estar entre. O existir com, e, sobretudo, o existir para, requer a compreensão do aprender e seu ensino, mediado pela reflexão. A memorização e repetição mecânica dos atos produzem seres autômatos. A imaginação quebra o ciclo do saber apenas fazer, abrindo a possibilidade da inovação, da criação. Mas, há na imaginação o risco da ilusão, da alienação, da mistificação. Contra tal risco, a reflexão, a capacidade de se questionar e questionar o mundo, as práticas e as relações que o estruturam, fornece as condições de proteção do humano, evitando que a ação humana se enverede pelo fantasioso ou pelo arbitrário. Pela reflexão, podemos atingir não só o aprendizado, mas seu sentido mais radical: o de saber lidar com o incerto, com o duvidoso, com o assombroso e irracional de que o aprender humano é capaz de produzir. A superação dos preconceitos, dos estigmas dos estereótipos, assim como a defesa contra as ilusões, a alienação e a mistificação, exige que o ensino ensine o olhar demorado sobre as coisas, a escuta atenta do mundo, o fazer paciente, cuidadoso, prazeroso do que faz, diálogo respeitoso, buscando o esclarecimento, a comunhão de saberes, o dirimir de incertezas e incorreções. Mediado pela memória, pela fantasia, pela reflexão, trabalhando uma em favor da outra, o aprender ganha sentido, não enfada, não automatiza, não aliena.

Do aprender para não perecer, e, de entre outros, virmos a ser com e para outros, devemos caminhar em sentido à existência autônoma, livre, criativa, produzindo-nos um mundo em que a nossa existência não seja apenas um estar no mundo, mas um estar com outros no mundo, produzindo-nos um mundo comum. Nossa existência ganha cor, ganha sabor, ganha sentido, partilhada, retribuída, numa existência com e para outros, produzindo compreensões desta existência.

---

<sup>3</sup> ENRIQUEZ, Eugène. **O paradoxo da imaginação: fonte do pensamento, enclausuramento da crença.** In: NOVAES, Aduino (org.) *Mutações: A experiência do pensamento.* São Paulo: Sesc/sp. 2010, p. 253.



É da condição humana aprender e produzir de si, do mundo, dos outros, compreensões que orientam seu existir. O ensino não ensina a aprender, ensina o sentido do aprender. Aprender se dá, mesmos sem nos darmos conta de que aprendemos. O ensino deve favorecer que tal aprendizado não seja autômato, arbitrário, fantasioso, alienado, preconceituoso, mas autônomo, ponderado, criativo, partilhado, inclusivo, solidário, ciente de sua razão de ser: tornar o ser entre, ser com e para outros.

***Autor***

***Claudio Domingos FERNANDES***

*Formado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI. Mestre em Filosofia da Educação no programa de Cultura, Filosofia e História da Educação da Universidade de São Paulo (USP). Participa do Grupo de pesquisa em Filosofia da Educação (Grupefe), na Universidade Uninove.*